

Pandemia e trabalho docente: Na fronteira entre os inéditos viáveis e as contradições

Pandemic and teaching work: On the border between the unpublished viable and the contradictions

Valter Machado da Fonseca^{1*}, Martha Maria Prata-Linhares²
Carmen Lucia Ferreira Silva³

RESUMO

Este artigo analisa os desafios e as possibilidades do trabalho docente durante o período do ensino remoto em função da COVID 19. Observamos, a existência de uma diversidade de artigos e estudos que visam à supervalorização do uso das tecnologias digitais nas práticas educativas. A COVID impactou frontalmente a educação trazendo à tona as contradições e dificuldades do uso dessas tecnologias. Este trabalho trata do relato de duas experiências exitosas durante o período da pandemia. Trata-se, portanto, de um relato de duas experiências em ambientes virtuais de aprendizagem e uma no ensino presencial, a partir das quais verificamos possibilidades do uso dessas tecnologias. Embora o relato trate de duas experiências significativas com as tecnologias digitais outras experiências apontaram dificuldades em seu uso e para a necessidade de formação docente para sua utilização. Neste sentido, a pandemia trouxe à superfície as dificuldades do trabalho com as tecnologias digitais, porém, ao mesmo tempo ela apontou alternativas e possibilidades do trabalho docente no ciberespaço.

Palavras Chave: Pandemia; Trabalho docente; Desafios, contradições e possibilidades; Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

This article analyzes the challenges and possibilities of teaching work during the period of remote teaching due to COVID 19. We observe the existence of a diversity of articles and studies that aim to overestimate the use of digital technologies in educational practices. COVID has directly impacted education, bringing to light the contradictions and difficulties of using these technologies. This work deals with the report of two successful experiences during the pandemic period. It is, therefore, a report of two experiences in virtual learning environments and one in face-to-face teaching, from which we verify possibilities of using these technologies. Although the report deals with two significant experiences with digital technologies, other experiences pointed to difficulties in their use and to the need for teacher training for their use. In this sense, the pandemic brought to the surface the difficulties of working with digital technologies, however, at the same time it pointed out alternatives and possibilities for teaching work in cyberspace.

Keywords: Pandemic; Teaching work; Challenges, contradictions and possibilities; Teaching-learning.

¹ Universidade Federal de Viçosa. *E-mail: valter.fonseca@ufv.br

² Universidade Federal do Triângulo Mineiro

³ Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

INTRODUÇÃO

A partir da década de 1990, as revoluções tecnológicas geraram reflexos profundos no processo educativo como um todo. Os tempos atuais são marcados, fundamentalmente, pelo avanço extraordinário dos meios de transportes, das telecomunicações e da informação, via avanço excepcional da rede mundial de computadores (Internet). (FONSECA, 2010, p.15) O advento das novas tecnologias da Informação e comunicação levou a uma série de reflexões sobre as “práticas educativas”, enfim, está levando a escola a repensar sua prática, reflexão que leva a um constante pensar sobre a formação inicial e/ou continuada dos educadores. E é, exatamente, sobre estas reflexões que o presente ensaio pretende dissertar.

As Novas Tecnologias da Informação, da comunicação e do ensino e aprendizagens no ciberespaço trouxeram, em seu bojo, novos desafios para o processo educacional no Brasil. A pandemia no ano de 2020, trouxe consigo situações devastadoras por todo o planeta. Inusitadamente nos vimos mais próximos à fome, ao desemprego, a novas formas de vivências, de trabalho, de estudos, de contatos com o “outro”, e o com o desafio maior: sem tempo para adaptações.

Do dia para noite tivemos que nos reinventar. E a nossa casa passa então, a ser nosso local de trabalho. Brum (2020, s/p) em seu artigo “Quando o vírus nos trancou em casa, as telas nos deixaram sem casa”, utiliza do termo: “*Se há ‘office’, não há ‘home’*”. Para a autora, quando o trabalho invade a casa no modo vinte e quatro horas, sete dias por semana, perdemos a casa. E com ela o descanso, o refúgio, o remanso. E a educação? E os processos de ensino-aprendizagem, bem como suas metodologias em meio a tudo isso?

A pandemia foi um acontecimento repentino e que atingiu frontalmente a educação e as práticas docentes. Neste sentido ela fez aflorar as contradições e as lacunas do processo educativo em todos os níveis de escolarização. Por ser um fato repentino, ela trouxe um estado de pânico para os atores educacionais e seu entorno, conforme enfatiza Arruda, 2020:

O novo coronavírus torna a escola um dos espaços mais temidos pelo risco da transmissão, pois a sua multiplicidade e heterogeneidade cria vínculos entre aqueles que são menos propensos aos sintomas graves da doença (jovens) a todos os demais que podem ser até mortalmente propensos. Crianças e jovens entram em contato diário com adultos de diferentes grupos familiares: professores, profissionais da educação, pais e mães, avós e avôs, parentes de maneira geral. (ARRUDA, 2020, p.258)

Antes da pandemia já era bastante visível as debilidades da educação, escavando a realidade do processo educativo já percebíamos a necessidade urgente de repensar a escola e as práticas educativas, em decorrência de uma escola que já não atende as necessidades dos atores educacionais em decorrência da evolução das tecnologias. Nóvoa e Alvim, (2022) alertam com propriedade a necessidade da construção de um outro modelo educacional.

Um ponto de vista é uma vista a partir de um ponto, de uma dada posição. O nosso ponto de vista é a necessidade, há muito sentida, de transformar um modelo escolar que, edificado no século XIX, atravessou o século XX e chegou, com sinais de fragilidade, ao século XXI. A pandemia apenas tornou inevitável o que já era necessário. (NÓVOA; ALVIM, 2022, p.24)

Pimenta, Prata-Linhares e Melo, tecem importantes reflexões em relação as tecnologias, a aprendizagem e a formação de professores:

As discussões a respeito da formação inicial e continuada de professores no âmbito das novas tecnologias e mídias são frequentes (BELLONI, 2009; PERRENOUD, 1997, 1999). Entretanto, notamos que há um afastamento entre a formação recebida por esses docentes e o que eles encontram na prática, que requer conhecimentos e competências para os quais eles precisam ser capacitados (PIMENTA, 2011). Que tipo de preparo os professores têm recebido durante sua formação? É adequado à atuação que se espera desses profissionais? (2019, p.113)

A formulação das autoras, abre algumas reflexões acerca da utilização das tecnologias digitais, bem como do ensino remoto em tempos de pandemia no processo educativo: qual a relação das novas tecnologias com a produção de novos conhecimentos considerando que a inclusão das tecnologias digitais nas práticas docentes é um processo relativamente novo? Isto significa que grande parcela de educadores ainda não está familiarizada, tão pouco recebeu a formação necessária para lidar com elas, o que vai levar a uma reflexão aprofundada acerca de um outro processo de formação de educadores.

Ademais, a prática docente é caracterizada pelo desafio constante em propor uma educação ativa, de forma a articular o processo de ensino-aprendizagem aos métodos e objetivos pretendidos às ações educativas (MAZZIONI, 2013, p.95).

Isto posto, o presente estudo seguirá a seguinte arquitetura textual: Em primeiro lugar apresentaremos o contexto em que se deu a experiência de cada um dos (as) autores (as). Em um segundo momento serão apresentadas as práticas e as atividades realizadas pelos sujeitos aprendizes. Por último traremos as conclusões advindas desse processo.

Por que a escolha do Relato de Experiência?

Como o próprio nome já diz, o relato visa compartilhar vivências que nos fazem refletir sobre a nossa *práxis* educativa, na relação “ensinar/aprender/aprender/ensinar” (Freire,1997) cunhada por Paulo Freire, que consideramos significativa em uma determinada área de estudo e metodologias de aprendizagens. Para além de refletir e compartilhar a nossa prática, entendemos que o Relato de Experiência pode contribuir, com outras vivências e experiências, dialogando e ampliando com diversas áreas do conhecimento, abrindo trincheiras para a construção de metodologias inovadoras.

Contexto do primeiro relato

O contexto inicial surge da prática pedagógica enquanto doutoranda e professora estagiária na disciplina Orientação e Estágio Curricular Supervisionado I, pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, que teve por objetivo incentivar atividades culturais, desenvolver práticas investigativas, utilizando metodologias, estratégias e materiais de apoio, visando conhecer, de forma abrangente, *diferentes contextos* nos quais o ensino de ciências possa se desenvolver e favorecer a formação da competência profissional, qualificando para a docência, já que os educandos são estudantes das licenciaturas em Química e Física.

Outro propósito foi propiciar o entendimento da diferença entre a Educação Formal e a Educação Não Formal, evidenciando as diversas possibilidades e espaços para o Ensino de Ciências, com o acento posto na integração do inseparável binômio teoria/prática, nas ações pedagógicas.

Mais um fator determinante foi favorecer a interdisciplinaridade dos conhecimentos a serem trabalhados, desenvolvendo a formação humana, científica e cultural dos (as) estagiários (as), proporcionando-lhes a identificação de possíveis ações educativas e investigativas coerentes com as perspectivas da pesquisa em educação presentes nos diferentes espaços educativos. Ademais, “na atual sociedade do

conhecimento, o conceito de educação tende a se alargar para outros espaços sociais, nos quais diferentes saberes estão disponíveis”. (OVIGLI, 2010, p.15)

Os Espaços Não Formais Como Locus de Novas Metodologias de Ensino-aprendizagem

Nos últimos tempos alguns estudiosos da área, como Gohn (2008), Gadotti (2005), Jacobucci (2008) e Marandino (2005), dentre outros, tem dedicados suas pesquisas na educação es espaços não formais de educação. Segundo estudos apontados por Bortoliero; Bejarano; Hinkle (2005, p. 365), essa intensificação acelerou-se a partir das décadas de 1970 e 1980 com a crescente expansão dos museus e centros de ciências.

Para Gohn (2006, p.29)

Na educação formal, entre outros objetivos destacam-se os relativos ao ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normatizados por leis, dentre os quais destacam-se o de formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, desenvolver a criatividade, percepção, motricidade etc.

Então de acordo com a autora, trata-se da educação em que somos matriculados e seguimos algumas normas e procedimentos que irão validar o nosso conhecimento, por intermédio de uma instituição. E a educação não formal? Sob a ótica de Jacobucci,

Voltemos agora à tentativa de definir os espaços não-formais de Educação. Duas categorias podem ser sugeridas: locais que são Instituições e locais que não são Instituições. Na categoria Instituições, podem ser incluídos os espaços que são regulamentados e que possuem equipe técnica responsável pelas atividades executadas, sendo o caso dos Museus, Centros de Ciências, Parques Ecológicos, Parques Zoológicos, Jardins Botânicos, Planetários, Institutos de Pesquisa, Aquários, Zoológicos, dentre outros. Já os ambientes naturais ou urbanos que não dispõem de estruturação institucional, mas onde é possível adotar práticas educativas, englobam a categoria Não-Instituições. Nessa categoria podem ser incluídos teatro, parque, casa, rua, praça, terreno, cinema, praia, caverna, rio, lagoa, campo de futebol, dentre outros inúmeros espaços. (JACOBUCCI, 2008, P.57)

Percebam que a autora utiliza do termo “tentativa” no intuito de definir o que sejam espaços não-formais de educação. Essa cautela se faz necessária justamente pelo conceito estar ainda em construção. Jacobucci nos alerta que sua “conceptualização não é tão óbvia quanto parece”. Marandino (2005, 167), nos dirá que se trata de um conceito que carece de mais pesquisas, nos convidando a colaborar para essa modalidade de ensino que tem tanto a contribuir com a educação formal.

O fato é que tais atividades em espaços não formais de educação, acabam por colaborar com o cotidiano escolar, apresentando elementos e aspectos diferentes que podem ser incorporados às práticas educativas, abrindo caminhos para a construção de novas metodologias para o ensino/aprendizagem.

Outro fator importante para os educandos é a “ruptura temporária” com o ambiente formatado das salas de aula, considerando que a prática de anotações dos acervos e fenômenos observados o que pode levar os educandos (as) a importantes reflexões o que leva à construção de noções de pesquisas científicas.

Ao conseguir aliar as observações de campo aos conteúdos trabalhados em sala de aula, os educandos estarão fortalecendo na prática a compreensão dos conteúdos e conceitos apreendidos apenas teoricamente. Em épocas de pandemia, os trabalhos em sala de aula necessariamente foram realizados em espaços não formais, pois neste caso trabalhamos com a imaginação no espaço virtual, ou seja, os educadores e educandos tiveram que se adaptar as tecnologias voltadas para as atividades no ciberespaço.

O Contexto da Prática Educativa

Iniciamos o ano de 2021 com a esperança de que a pandemia, bem como os altos índices de mortes e de contaminação fossem amenizados e que poderíamos retomar as aulas presenciais. Infelizmente isso não aconteceu. Com isso, nós educadores e educadoras em todos os níveis de aprendizagem tivemos que mudar nossas metodologias de ensino.

Gomes (2021), em seu relato de experiência “Entre Arte e Pedagogia em Tempos de Pandemia: Ensino Remoto e Mediação Teatral”, fruto de um trabalho de extensão, nos apresenta de uma forma educativa, interativa e didática, que não só é possível, quanto se faz urgente proporcionar uma educação de qualidade na modalidade remota, em que pese todas as contradições embutidas nesse contexto.

Sem querer aprofundar pontos de vista favoráveis ou não às novíssimas possibilidades de configurações remotas para o estabelecimento de relações educativas, nas quais os sujeitos interagem por meio de recursos contemporâneos de tecnologia, a presente reflexão aventa pensar que, hodiernamente, por conta da pandemia Covid-19, foram catalisados os processos de reconfiguração geográfica e temporal concernentes à relação professor/aluno. (GOMES. 2021, p.3)

De fato, em tempos de isolamento e com as instituições educacionais fechadas, as tecnologias digitais, nos proporcionam essa relação com os educandos e educandas em diferentes espaços e tempos. Isso, fatalmente nos leva a mudar nossa forma de ensinar, ou seja, temos que ressignificar o que entendemos por “*real/virtual/presencial/ausência*”.

Destarte,

[...] um aprendizado eficaz pode ocorrer por meio de uma educação online interativa. Não todas as vezes, é certo – qual pedagogia, porém, dá resultado sempre? –, mas suficiente o bastante para configurar um ideal de boa prática educativa. Desde então, empregando programas de fóruns, docentes de muitas universidades têm sido capazes de levar o entusiasmo e a empolgação das discussões em sala de aula para um ambiente eletrônico. Evidentemente, essas discussões online não são idênticas às interações pessoais face a face. Há perdas, mas também há ganhos. Sem o contato face a face, faltam os gestos e o contato visual, mas as pessoas aprendem como compensar esta ausência e novas formas de interação são inventadas. (FEENBERG, 2017, p.5)

Sob a ótica de Pimenta; Prata-Linhares; Melo (2019, p.111), “A tecnologia demanda de nós a ampliação de nosso entendimento para além do que está literalmente escrito”. Além disso, as autoras afirmam que “a riqueza de combinações das imagens com textos, sons, novos símbolos e ícones tem, frequentemente, desafiado nossa capacidade de leitura e ampliado o conceito”.

Nesse sentido, evidenciamos que à época, no primeiro semestre de 2021, contávamos com 20 educandos (as) matriculados na disciplina Orientação e Estágio Curricular supervisionado I, sendo licenciandos em Química e Física. As aulas aconteciam uma vez por semana de forma síncrona e outra na forma assíncrona, via Google Meet e utilizamos a plataforma Moodle, onde são postadas todas as atividades e textos de apoio.

Nóvoa e Alvim asseveram que

Hoje, não é possível pensar a educação e os professores sem uma referência às tecnologias e à “virtualidade”. Vivemos conexões sem limites, num mundo marcado por fraturas e divisões digitais. É preciso enfrentar com lucidez, e coragem, essas tensões: entre um empobrecimento da diversidade e a valorização de diferentes culturas e modos de viver; entre uma diminuição da privacidade e da liberdade e a afirmação de novas formas de democracia e participação; entre a redução do conhecimento ao digital e a importância de todo o conhecimento, humano e social. (NÓVOA; ALVIM 2021, p.3)

Corroborando com Nóvoa e Alvim, nosso foco com a educação em espaços não formais eram os museus e centros de ciências. E, naquele contexto, por conta do

isolamento social, só poderíamos fazê-lo de forma remota. Então surge a prática de realizarmos essas visitas na modalidade virtual, no ciberespaço.

No entanto, devemos ficar atentos à utilização das tecnologias, pois, elas não estão isentas de intencionalidades. É preciso considerar que:

- 1) A ilusão de que a educação está em todos os lugares e em todos os tempos, e que acontece “naturalmente” num conjunto de ambientes, sobretudo familiares e virtuais;
- 2) A ilusão de que a escola, como ambiente físico, acabou e, a partir de agora, a educação terá lugar sobretudo “à distância”, com recurso a diferentes “orientadores” ou “facilitadores” das aprendizagens;
- 3) A ilusão de que a pedagogia, como conhecimento especializado dos professores, será substituída pelas tecnologias, “dopadas pela inteligência artificial”. (NÓVOA; ALVIM, 2021, P.16)

Atividade 1: Visita virtual ao “Museu Anne Frank”

Primeiro solicitamos a cada educando que listassem cinco museus que gostariam de conhecer, depois foi solicitado a eles a seleção de um desses museus para apresentação ao coletivo da turma, via construção de uma atividade criativa.

As apresentações tiveram por base alguns critérios ancorados nas seguintes reflexões: Onde estou? Onde estive? Para onde vou? A informação está no mesmo local em todas as páginas? Todas as páginas tem forma de regressar à página inicial? Durante a navegação pelos museus os caminhos são claramente assinalados? Sabemos onde estamos? Existe mapa do site? Existem informações online? Existe um cadastro de visitantes? Você se sentiu perdido ou sabia por onde navegava? Havia acessibilidade? Depois da visita virtual você sentiu vontade de visitar o museu físico?

Os museus mais destacados foram: o Museu do Louvre, Museu Casa de Portinari, Museu Anne Frank, Museu do Amanhã e o Museu do Ar e do Espaço. Propusemos a construção de uma história em quadrinhos com o seguinte enunciado: “*Anne Frank visita o museu do Ar e do Espaço*”. Na figura 1, abaixo, apresentamos o resultado da atividade.

Figura 1: Série de tirinhas sobre atividade Museu Anne Frank

ANNE FRANK E O MUSEU NACIONAL DO AR E DO ESPAÇO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO - UFTM
ORIENTAÇÃO E ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO I



Essa é Anne Marie Frank, nascida em Frankfurt, na Alemanha, no dia 12 de junho de 1929.



Infelizmente, ela foi uma jovem judia vítima do nazismo.

Mas se ela ainda estivesse viva, poderia visitar grandes museus...

Anne vivia com seu pais, em um anexo secreto, em Amsterdã, na Holanda



Um dia, Anne conseguiu se conectar a internet, usando um computador. Então, ela começou a fazer pesquisas, para aumentar seus conhecimentos, indo além dos livros e diários que ela mesma escreveu.

Depois de muitas pesquisas, ela se encantou pelo Museu Nacional do Ar e do Espaço



Durante a visita, Anne ficou impressionada com o 1º voo continental



Ao longo da visita, Anne conheceu a primeira mulher a cruzar o oceano Atlântico e fez comparações...

Que inspirador!



Como é incrível saber que existe mulheres fortes e guerreiras, que dão de 10 a zero em um homem!

Amélia Earhart marcou a história da aviação e quebrou barreiras ao ser a primeira mulher a atravessar o oceano Atlântico pelo ar.



Também encontrou um míssil soviético, armamento utilizado durante as guerras.. Anne ficou muito impressionada pois ela vivenciou a guerra de perto e conheceu virtualmente uma arma que fez parte de sua época.

Nossa como pode algo tão grande assim ter sido utilizado nas guerras iguais as que vivenciei..



Se Anne ainda estivesse viva, ela seria assim, uma mulher tão vivida, que nos deixou grandes ensinamentos...



Fonte: Acervo dos autores (2021)

A visita virtual a museus espalhados pelo ciberespaço foi uma das atividades propostas para os educandos para a realização de oficinas durante a pandemia. É importante observar que a criatividade foi um dos critérios por nós enfatizados como de grande relevância para a avaliação do trabalho coletivo dos educandos envolvidos na investigação proposta para o grupo nas visitas virtuais aos museus.

Assim, nosso propósito teve o cuidado de “*garantir o direito de autoria dos sujeitos envolvidos*”, “construir uma narrativa em que todos pudessem se reconhecer no diálogo” e “cuidar para que a atividade não fosse apenas um somatório de informações”. Destarte, “toda vez que se suprime a liberdade, fica ele um ser meramente ajustado ou acomodado. E é por isso que, minimizado e cerceado, acomodado a ajustamentos que lhe

sejam impostos, sem o direito de discuti-los, o homem sacrifica imediatamente a sua capacidade criadora.” (FREIRE, 2007, p.50)

A atividade destacada aqui foi a visita ao “Museu Anne Frank”. Percebemos que ao analisar o resultado da atividade (Figura I) que o grupo conseguiu contar a história fictícia de uma visita de Anne Frank ao “Museu do Ar e do Espaço”. O grau de criatividade dos educandos/as foi de grande significação para o resultado alcançado pelo grupo de estudantes, uma vez que eles conseguiram realizar um recorte espaço/temporal realizando uma intersecção de espaços e tempos históricos diferentes para criar a narrativa dissertada pela sequência de tirinhas que conta a história da visita de Anne Frank ao Museu do Ar e do Espaço que retratava peças do acervo de um museu que pertencia a um tempo e contexto históricos diferentes do vivido pela breve existência de Anne.

No caso dessa experiência também é relevante retratar os diversos objetos do acervo museal que remetem a uma gama de conhecimentos trabalhada durante a atividade, como a história de vida de Anne Frank, a invenção e evolução da aviação, a história de Amélia Earhart (primeira mulher a sobrevoar o Oceano Atlântico) e a exposição de um míssil soviético utilizado na 2ª Guerra Mundial, conflito bélico durante o qual Anne Frank morreu no campo de concentração nazista de Auschwitz na Polônia sob o comando do terceiro reich de Adolf Hitler.

Notem que a utilização das tecnologias digitais permitiu aos educandos a construção desta história fictícia que mistura diferentes tempos históricos, uma história construída no fértil terreno da imaginação criativa. A série de tirinhas teve uma culminância sensível e belíssima, pois com o auxílio das tecnologias o grupo conseguiu projetar a imagem de Anne Frank para a idade adulta, embora ela tenha sucumbido aos dezesseis anos de idade no campo de concentração de Auschwitz. Foi uma belíssima homenagem que os educandos prestaram a Anne Frank que apesar ter tido uma breve existência, submetida às torturas do regime nazista, ainda deixou uma importante contribuição para o entendimento da vida nos campos de concentração e do sofrimento do povo judeu na Segunda Guerra Mundial, por intermédio de seu relevante diário que inspirou obras literárias e cinematográficas. Por último, salientamos os desafios criados pelo grupo de estudantes que embora sejam do campo das ciências exatas se aventuraram com êxito pelos caminhos da história e da imaginação científica.

Atividade 2: Linhas do Tempo no Ensino de História

As próximas atividades são referentes a duas oficinas práticas por nós ministradas na disciplina EDU 467: Ensino de História do curso de graduação em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa (DPE/UFV). O objetivo deste tópico é realizar uma comparação entre os resultados de uma mesma atividade realizada em dois momentos distintos, sendo uma de forma presencial e outra de forma remota no período da pandemia. Na atividade I, relatada acima, trabalhamos com educandos das ciências exatas, agora nesta atividade II as oficinas foram ministradas com educandos/as da Pedagogia na disciplina de Ensino de História, portanto, estudantes das ciências humanas.

Segundo (LIMA, 2009, sp.);

*A **Linha do tempo** é uma descrição ou registro de eventos e personagens organizados em função da sua ocorrência ao longo da história humana. Dependendo da área geográfica onde os eventos registrados ocorreram, a linha do tempo pode abranger o mundo na sua totalidade, uma região específica do planeta, um país ou um conjunto de países. (Grifo do original)*

Conforme Lima (2009, sp.) a Linha do Tempo nos é muito útil na interpretação dos fatos históricos, da historiografia oral bem como a organização de instrumentos que possam realizar em ordem cronológica uma ponte entre os acontecimentos pretéritos e presentes.

A fala do autor nos mostra que o Ensino de História pode ser ressignificado de forma a quebrar a monótona memorização bastante utilizada pela escola tradicional em tempos passados e ainda nos dias de hoje. Assim, a linha do tempo é um instrumento que pode construir a ponte tão necessária para a ressignificação dos conteúdos e, nesta medida, enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

As oficinas de construção das linhas do tempo por nós trabalhadas nas oficinas de ensino de história tiveram por base algumas indagações e pressupostos:

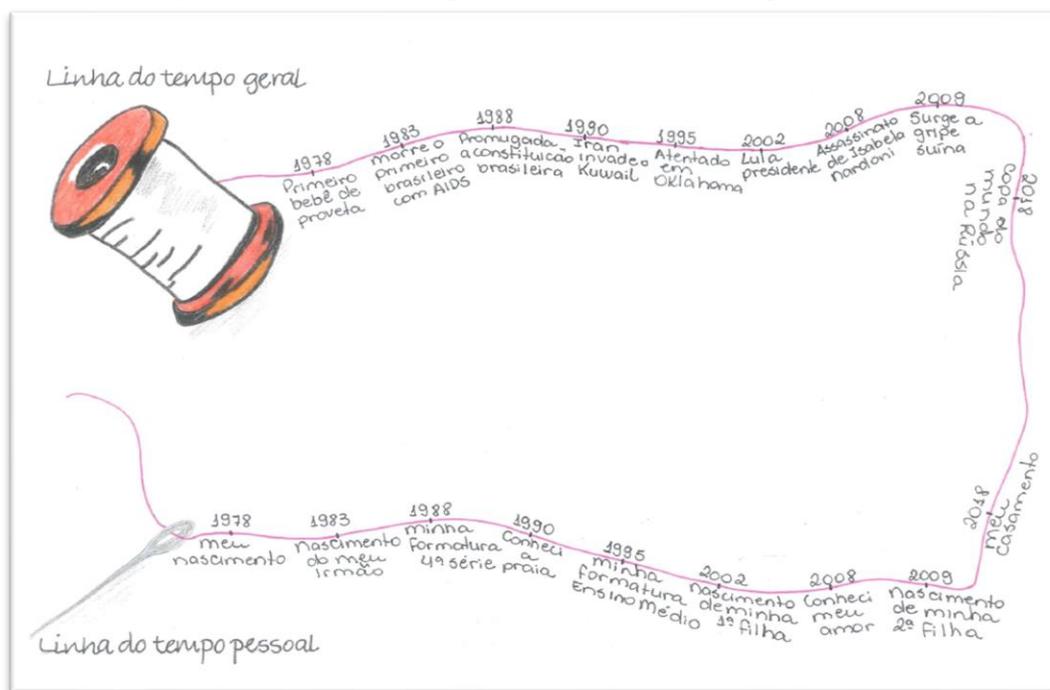
- a) quem somos nós? Autoconhecimento!
- b) qual a nossa origem?
- c) resgatar junto à família acontecimentos marcantes
- d) resgatar nossa própria história
- e) estabelecer nexos entre história individual e coletiva

- f) adquirir consciência da importância da nossa história e de nossa participação enquanto sujeito histórico.
- g) desenvolver o senso crítico
- h) estimular a criatividade
- i) reconhecermo-nos como sujeitos e agentes históricos

Dito estes pressupostos e indagações, apresentamos dois modelos de linhas do tempo elaboradas individualmente pelos educandos /as durante as oficinas de ensino de história:

Modelo de linha do tempo elaborada de forma presencial antes da pandemia.

Figura 2: Linha do tempo elaborada em oficina presencial

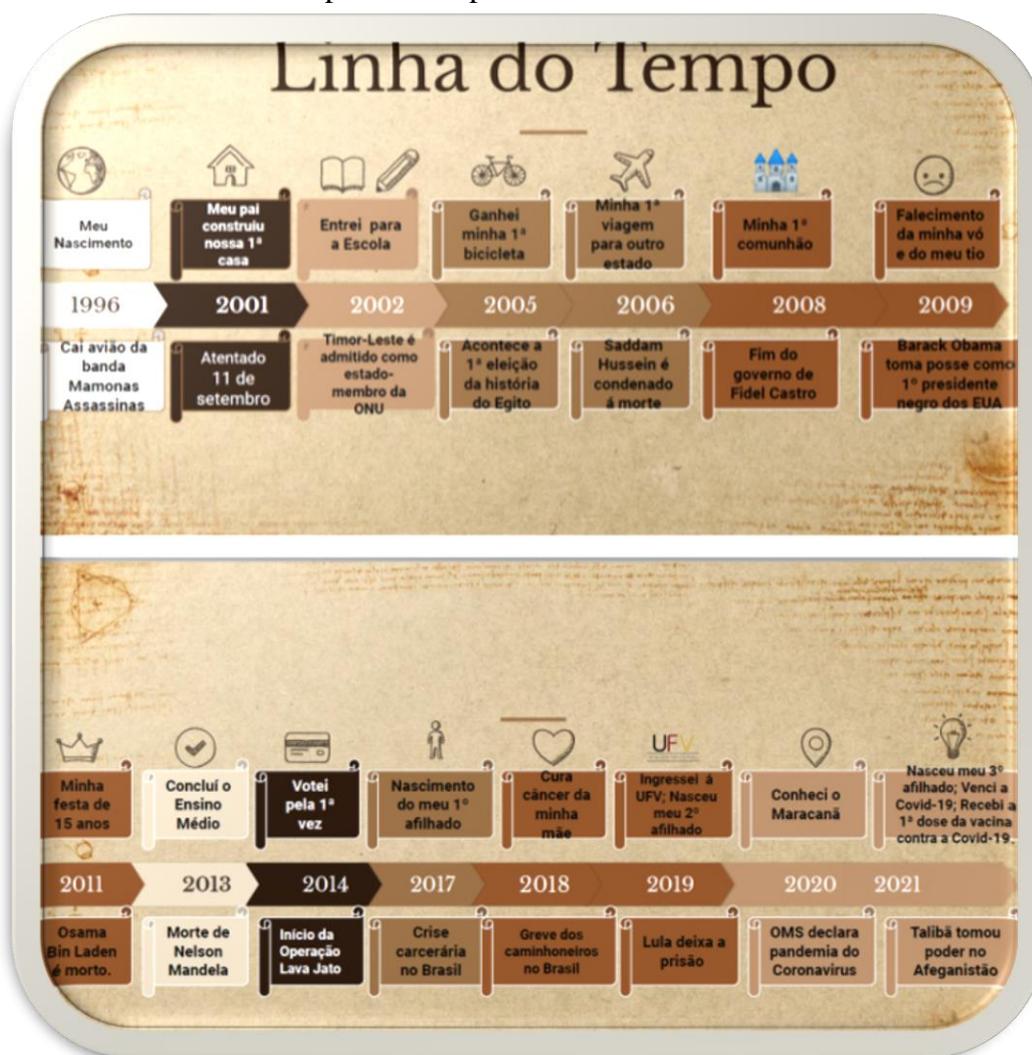


Fonte: Arquivos dos autores (2018)

Observem que a Figura 2 retrata um trabalho artesanal, manual, onde a educanda demonstra seu talento e habilidade com desenhos. É importante retratar que o desenho foi feito à mão e teve materiais para sua confecção, 03 lápis, um preto e dois de colorir. Aqui vale a pena ressaltar a potência criativa e as habilidades manuais da educanda na confecção de sua linha do tempo pessoal interligada com os acontecimentos históricos.

Modelo de linha do tempo elaborada de forma remota na pandemia.

Figura 3: Linha do tempo elaborada com o uso das tecnologias digitais no período da pandemia



Fonte: Acervo dos autores (2021)

Observem que a linha do tempo elaborada e confeccionada a partir das tecnologias digitais possuem efeitos visuais que dificilmente conseguiríamos em um trabalho feito à mão. Neste modelo confeccionado por outra educanda podemos verificar o efeito do papel envelhecido, as linhas e as repartições em formas geométricas e simétricas, o que seria outro dificultador num trabalho sem a utilização das tecnologias digitais. No entanto, nos dois modelos apresentados (Figuras 2 e 3) verifica-se a relevância do potencial criativo dos educandos e educandas como fator importante para a realização de tais atividades.

(In) conclusões! Entre contradições, possibilidades e lacunas

É notório que esta pandemia, na qual ainda estamos, trouxe consigo grande sofrimento para enormes contingentes da população mundial e, em especial no Brasil. Foram milhares de óbitos e diversas tipologias de sequelas para um grande número de pessoas. Além do sofrimento físico e emocional das populações ela atingiu frontalmente a economia, os setores de serviços, transportes e circulação de mercadorias, isto sem mencionar o isolamento social das pessoas, o que afetou mentalmente grande parcela das populações. No mesmo sentido, ela trouxe à tona a enorme desigualdade social entre diversos setores das populações, em especial as camadas mais carentes da população mundial, com grande ênfase para os países periféricos como o Brasil.

Na educação brasileira em particular ela fez emergir uma gama de contradições, lacunas e a necessidade urgente de políticas públicas que visem a capacitação docente e discente no que se refere ao uso das tecnologias digitais, inclusive mostrando a necessidade de suprir a carência de equipamentos de informática, internet e de formação nas escolas públicas do país.

Esta é a situação colocada para nós educadores e educadoras. Se, por um lado existem inúmeras publicações que exaltam as tecnologias e a necessidade de uma educação meramente mercadológica, por outro lado, a pandemia traz à superfície da realidade a grande deficiência na formação dos profissionais para lidar de forma criativa com estas tecnologias visando a formação de nossos educandos com vistas à compreensão do mundo e da vida, da interpretação das diversas culturas, costumes, etnias e o mosaico de diversidades que compõem o universo escolar no Brasil. Diante disso tudo a necessidade de uma escola verdadeiramente inclusiva salta aos olhos.

Então, o advento da Covid 19 trouxe à luz estas contradições apontadas por Nóvoa e Alvim (2021) com muita propriedade e que se achavam ofuscadas por modelos de educação meramente mercadológicos. Faz-se necessário e urgente repensar a escola que queremos construir, faz-se preponderante discutirmos propostas que visem equacionar tecnologias, formação docente e a formação de sujeitos que sejam capazes de ler, interpretar e agir sobre a realidade concreta que marcam as vidas dos atores educacionais.

Os relatos aqui narrados foram experiências exitosas vivenciadas durante a pandemia. Porém, tal enfermidade também fez aflorar as grandes lacunas que perpassam

a precariedade na grande maioria dos processos de formação docente em nossas escolas. Entretanto, uma característica ficou bem evidenciada: o potencial criativo de nossos (as) educandos (as) é fundamental para as práticas pedagógicas sejam elas com ou sem o uso das tecnologias.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo apoio a esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Eucídio Pimenta. Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. In: **Em Rede**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

BRUM Eliane. EL PAÍS. Quando o vírus nos trancou em casa, as telas nos deixaram sem casa. A cultura do ‘home office’ e das ‘lives’ e dos ‘meetings’ pedalou a nossa porta. Dez/2020, Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-12-23/quando-o-virus-nos-trancou-em-casa-as-telas-nos-deixaram-sem-casa.html>. Acesso em: 28/05/2021.

FEENBERG Andrew. **A Polêmica Educação Online e o Futuro da Universidade**. A tradução que ora se apresenta do artigo “The Online Education Controversy and the Future of the University”, escrito por Andrew Feenberg, foi concluída ao final do ano de 2017. Disponível em: <https://www.sfu.ca/~andrewf/a%20polemica.pdf>

FONSECA, Valter Machado. **A Educação Ambiental na Escola Pública: entrelaçando saberes, unificando conteúdos**. São Paulo: Editora 24x7, 2010.

FREIRE, Paulo. **A Educação Como Prática de Liberdade**. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 2007

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não-Formal, Participação da Sociedade civil e Estruturas colegiadas nas Escolas**. Ensaio: aval. Pol. Públ., Rio de Janeiro, v. 14, n.50, p. 27-38, Jan./Mar/2006.

GOMES, Sidmar Silveira. Entre arte e pedagogia em tempos de pandemia: ensino remoto e mediação teatral. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, p.01-20, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021. Disponível em: <http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index>> 30 de março de 2021.

JACOBUCCI, Daniele Franco Carvalho. Contribuições dos Espaços Não-Formais de Educação para a Formação da Cultura Científica. **Em Extensão**, Uberlândia, V. 7, 2008

LIMA Roberto Flávio Gomes. **Criando Uma Linha do Tempo com o auxílio das TICs**. 2009 s/p. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=15236>. Acesso em: 29/06/2018

MARANDINO Martha. **Museus de ciências como espaços de educação**: In: Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte: Argumentum, 2005, p. 165-176

MAZZIONI Sady. As Estratégias Utilizadas no Processo de Ensino-aprendizagem: concepções de alunos e professores de ciências contábeis. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo – ReAT** | vol. 2 – n. 1 – JAN./JUN. – 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/AT/article/view/1426/2338>

NÓVOA Antônio; ALVIM Yara Cristina. Os professores depois da pandemia. Dossiê | democracia, escola e mudança digital: desafios da contemporaneidade. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 42, e249236, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/mvX3xShv5C7dsMtLKTS75PB/>. Acesso em 04/07/2022

NÓVOA Antônio. (com a colaboração de Yara Alvim) **Escolas e professores proteger, transformar, valorizar**. Salvador; SEC/IAT, 2022.

OVIGLI, Daniel Fernando Bovolenta. Os Saberes de Mediação Humana em Centros de Ciências: contribuições à formação inicial de professores. **Dissertação de Mestrado**. UFSCAR, São Carlos, 2010.

PIMENTA, Maria Alzira Almeida; PRATA-LINHARES, MARTHA MARIA; MELO, T. R. . **Professores universitários, competência midiática e autoscopia**. In: Gabriela Borges; Márcia Barbosa da Silva. (Org.). Competências Midiáticas em Cenários Brasileiros. 1ed. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2019, v. 1, p. 109-136. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/15gm5LyzgjX0xJ7fLoIYfF2Av4eAdGA4B/view>

Recebido em: 15/07/2022

Aprovado em: 23/08/2022

Publicado em: 25/08/2022